



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 12 de novembro de 1854 – Edição 46
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00046.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 12 DE NOVEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

É chegado o tempo de trocar os salões, onde se reune o povo do mundo elegante, pelas amenas alamedas e prazenteiros jardins dos nossos pitorescos arrebaldes, para fugir aos rigores da estação calmosa, apreciando ao mesmo tempo os encantos da natureza, e gozando uma vida mais livre, comquanto mais monotona para quem não sente expandir-se-lhe o coração ao ouvir o suave cantico dos passaros em vez do trinado artistico das nossas *dilettanti*; ao ver trocadas as bambinellas de finos tecidos pelas de verde folhagem que se debruçam dos galhos do arvoredo; ao contemplar o variado esmalte das petalas das flores em lugar do brilho igual e inalteravel das mil luzes que guarnecem o recinto mysterioso de um baile; ao sentir, finalmente, voar o pensamento á infinda abobada celeste a correr e perder-se entre os planetas encravados no azul que a embelleza, em vez de perceber-o destacar-se de si para ir queimar-se nos fogos de um lustre pendente no meio de circumscripto espaço, ou escapar delles para ir assentar-se, como a mariposa que foge do fogo que a ameaça, na cornija que guarnece o dourado tecto, e ahi adormecer indifferentismo au som das [...] contradanças.

A vida que se vive em um baile e a que se vive em uma casa de campo formão um perfeito contraste. Um baile é a antithese de uma reunião campestre como a convivencia social no meio de nossos adornados salões é diversa da convivencia alegre que se faz á sombra de

verdes alamedas, ou entre as flores do jardim cujo ar ellas embalsamão, ou á borda de um lago que reflecte as nuvens, ou á margem de um regato que corre furtivo por entre as pedras, temeroso que o brando murmurio denuncie o correr de suas aguas crystallinas.

Parece-nos que o nosso espirito se inclina mais para a vida poetica da contemplação da creação; e por isso folgamos com a chegada da estação calmosa.

Para se fecharem as portas dos ruidosos salões só nos falta a realização de um baile do *Cassino Fluminense*. As outras sociedades estão tambem prestes a dormir no silencio enquanto a multidão que as frequenta vai disseminar-se pelos arrebalde da filha de Guanabara.

Lá correrá a imaginação o mundo do bello a procurar impressões que a alma sensivel acaricia sempre.

Lá folgará o espirito a escrever um poema em cada arvore, um pensamento em cada botão, um romance em cada flor, um enthusiastico drama em cada jardim, uma historia de lagrimas em cada fonte, um hymno a Deos em cada madrugada, uma cantata á saudade em cada tarde, e

46

— 362 —

finalmente uma carinhosa lembrança em cada folha, e... um santo amor em cada coração.

Sim, um santo amor em cada coração, porque na vida campestre, na familiaridade pastoril, não se encontra a lisonja amante das galas e do luxo; nem as affeições contrahidas ante o espectaculo magnifico da natureza são passageiras, como as fingidas frases que nascem no ruidoso passeio de uma sala tumultuosa para morrerem ao terminar de cada contradança.

Lá reinará o sentimentalismo, a pureza dos sentimentos nobres. Lá erguerá a amizade o seu throno, ante o qual desejamos que ligados pares acendão pyras, e queimem perfumes em sua honra.

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO E DE ESTAR EM CASA. — Touca de ponto de Inglaterra enfeitada de laços de fita verde. Cabellos elevados.

Vestido de nobreza preta lisa, saia guarnecida com nove folhos estreitos de nobreza, sendo cinco de nobreza preta, e quatro de nobreza rosa, entremeiados uns com outros.

Corpo de basquine affogado, aberto adiante, deixando apparecer uma fita larga roxa que vem de cima até abaixo da basquine, com duas pontas soltas na cintura que sahem de dentro da mesma basquine. Chama-se este enfeite de fita — uma *écharpe*.

Sub-mangas e collarinho de ponto de Inglaterra.

E' este um dos vestidos de mais novidade nesta estação: a Sra. Dona E. B. mandou fazer um azul com os folhos azues e pretos.

VESTUARIO DE MENINA DE SEIS ANNOS. — Vestidinho de chita em caça, com babadinhos enfeitados de festão. O corpo é aberto adiante e deixa ver o peitilho de uma modestia feita de entremeio bordado e fofinhos de caça.

Chapéó, redondo, de palha de arroz, enfeitado de flores e fita.

VESTUARIO PARA UM MENINO DE TRES A QUATRO ANNOS. — Calcinha de cambraia bordada.

Saia de veludo escarlate, com um laço adiante de fita de veludo da mesma côr muito larga.

Camisa de cambraia com corpo franzido e jaquetinha redonda de veludo preto. Collarinho e sub-mangas de cambraia lisa.

Chapéó de palha enfeitado de veludo preto.

A MANTA.

(Continuado do n.º 45.)

III.

Meu irmão adoeceu; fui obrigado a partir. Passei algumas semanas em um estado difficil de descrever. Nada sabia de Maria. Tinha-lhe escripto muitas vezes, e não recebia resposta. Dous mezes se passarão neste isolamento.

Por fim entregaram-me um embrulho volumoso. Conheci a letra de Maria... Era a manta! mas nem uma linhe, nem uma palavra a acompanhava: No primeiro momento não sabia que pensar. De repente um raio de luz me illuminou, ou antes uma chamma do inferno.

Recordei-me da ultima noite em que tão tristes voltamos a palacio; o meu braço sustinha Maria, que apenas podia andar. « Oh! disse ella, se não puder ser vossa, não terei força para vól-o dizer nem para vól-o escrever; mandar-vos-hei a nossa manta; ella dirá tudo. » No estado

em que então me achava, pouca atenção tinha dado a essas palavras. Agora me recordava dellas. A manta ahi estava.... que dizia ella?

Dizia que os juramentos de uma donzella se escrevem na area que o vento leva; que o seu amor é um sonho, que as suas affeições tem a fragilidade da garça transparente e leve de uma manta de baile.

A violencia do meu character reapareceu de subito. Tinha sido o ludibrio de uma criança e da estolida delicadeza de meus sentimentos cavalleirosos. Delirava. Perseguia-me uma idéa vaga contra toda a especie humana, porque, mal de meu grado, fazia esse rodeio para chegar a

Maria. Lembrei-me de que eu também lhe podia fazer algum mal. Não me disse ella um dia: « Se esta manta for rasgada pela vossa mão, será essa a sentença da minha morte!... »

— Ah! sois, pois, o arbitro da sua vida! este punhal.... mas eu matar Maria! Ah! não, não, ella não morrerá. Palavras de donzella, o vento as leva. Quando muito, uma dor de criança, algumas lagrimas, e depois o anel de noiva, mas, flores e o esquecimento. Pouco é isso para o mal que me causou; que importa, [...] a manta despedaçada, saberá pelo menos, donzella caprichosa, quanto é desagradável trahir.

Com que prazer cruel fiz essa manta em dous pedaços ! Comtudo, vendo-os ainda na mão, olhei para elles, e meus olhos não puderão supportar a sua vista. Essa manta! oh! que recordações! Mas cõrei logo da minha fraqueza; fiz um embrulho dos dous pedaços, sellei-o, também sem uma linha, sem uma só palavra. Fiz á preça as disposições da partida. Ia deixar a França por muito tempo; não sabia ainda onde iria; mas indo para longe de quem me dilacerava o coração, pouco se me dava que fosse para o norte ou para o sul, para o mar ou para o deserto. Cumpria, porém, ter a certeza de que a manta e a minha vingança chegavão ao seu destino.

Parei á porta mais proxima do palacio de B.; conhecendo os arredores, facil-me foi entrar no parque.

Era a dez de novembro, noite de outono, triste e silenciosa: só se ouvia o longiquo retinnido de algumas campainhas de rebanhos; as folhas amarelladas tinham substituido a verdura dessas arvores, a cuja sombra tantas vezes me havia abrigado nos dias mais felizes da minha existencia. Melancolico, acabrunhado, caminhava nessas alamedas, arrastando os pés por entre as dessecadas folhas; assim cheguei as margens do lago. Tudo ahi estava ainda, o banco de relva, o ribeiro e o seu murmurio; só o ar era mais frio, a natureza mais sombria. Minhas lagrimas banhavão-me o rosto; senti-me desfallecer e dei um grito de desesperação ao levantar os olhos para o rochedo negro que me ficava em frente. O lago, ao longe, estava sem movimento, o Céu sem sol, a terra sem verdura, os arbustos sem folhagem; na natureza e na minha alma tudo era luto e tristeza.

Quantos, pensamentos lacerantes em uma só hora! mas era forçoso arrancar-me deste lugar, tão grato ainda ao meu coração. A noite assomava; sentei-me sobre um tronco de arvore, no caminho que conduzia á aldeia; hesitava ainda. Parecia-me que era cruel, injusto, talvez. Ia rasgar a capa do embrulho para me por na impossibilidade de envi-lo a Maria. Mas passa uma menina que levava a custo um açafate. Conheci-a; era uma das protegidas de Maria, uma pobre orfã que tudo lhe devia. Ella me conheceu também, que muitas vezes me havia visto na aldêa com a sua protectora. Ao passar por mim, fez-me uma reverencia, acompanhada de um alegre sorriso; chamei-a, aproximou-se sem tirar os olhos do seu açafate.

- Boas noites, Margarida, lhe disse eu.
- Dizei-me, acharei Mademoiselle Maria em casa? Perguntou-me ella.
- Não sei, minha filha.
- Este açafate é para ella....
- Quem lh'o manda? donde vem?
- Ah! isto é segredo.... Mas a vós, senhor, tudo se pode dizer. Vêde que lindas flores....
- Flores! e para que?
- Para amanhã. Voltastes sem duvida para assistirdes ao casamento?

Encostei-me a um ramo de arvore para não cahir.

- Vêde, continuou a orfã, todas nós fizemos as nossas grinaldas: eis a minha....

Levantei as flores e metti por baixo a manta. Parece-me que disse depois á orfã, a quem o meu olhar assustára:

- Margarida, levai também esta offrenda; dizei-lhe que é minha.

Poupar-vos-hei os tormentos da minha viagem. Creio ter percorrido a Italia, a Suissa e a Allemanha. Tudo esqueci dessa viagem, dessa corrida fantastica, sem parada, atordoante, onde nada senti, nada achei, nada vi alem de mim mesmo e de meus lacerantes pensamentos. Não, não digo bem, vi alguma cousa mais, vi, não sei onde, um jornal francez cque continha estas palavras: *O conde de G... não assistiu á sessão da camara dos pares. Partiu para o meio-dia da França em companhia de sua jovem esposa, que se acha gravemente enferma. Madame de G... é filha do barão de M...*

Poucos dias depois de lêr este artigo do jornal cheguei á minha casa, situada bem no meio-dia da França.

O primeiro objecto que fixou a minha attenção ao entrar no meu quarto foi uma carta que ahi estava em cima da secretaria; rasguei o sobrescripto... Lêde: ei-la!

10 de novembro.

« Augusto, onde estás? verás estas linhas? Que pensas de mim? Muitas vezes ouvi dizer aos que me rodeavam que eu por certo morreria; enganarão-se. Antes de exhalar o ultimo suspiro, careço de algumas palavras tuas, do teu perdão.

« Recebi as tuas cartas, mas não pude responder-te; só podia cobri-las com as minhas lagrimas no meu leito de pranto e dôr. Mandeï-te a manta, a nossa manta, a nossa cara e triste manta, e nem uma só linha a acompanhou; não, nem uma só palavra, que queria eu dispor-te a tudo o que de cruel tinha a dizer-te. Tem coragem, Augusto, eu a terei tambem para te escrever, e depois...

« Oh! bem te dizia eu que para nós não havia porvir.

« Obrigava as minhas illusões a renascere[m] e a serem bellas; eis o meu crime! Oh! sim, foi dest'arte que eu me enganei e te dilacerei o coração. Mas, Augusto, eu o fazia para contentar-me, para ver-te feliz; perdoa-me.

« Via-te ditoso, esquecia tudo; eis o meu unico, o meu constante pensamento. Queria prolongar essa nova existencia que te tornava a vida aprazivel: tudo cedia a esse desejo. Oh! fui fraça; desasisada, perdoa-me.

— 364 —

« De ha muito que eu suspeitava os projectos de meu pai. Conhecia o seu character; elle é bom, ama-me; mas é inflexivel. Não sabia precisamente que era ao conde G... que elle destinava a minha mão; mas bem sabia que a ti, Augusto, nunca elle a daria. Oh! eis o que me torna indesculpavel; devia ter-te fugido, occultar-te ao menos os meus sentimentos; não pude. Dei-te o meu coração sem saber eu mesmo que t'o dava. Eras tão amavel, tão bom, tão sensivel! Oh! perdoa-me.

« Eis o porque adiei de dia em dia as explicações que me pedias; ellas me parecião offender a confiança que eu tinha em Deus; via que caminhavamos tão docemente ao lado um do outro na borda do abysmo, que não ousava olhar em derredor de nós; só a ti via, Augusto, não podia largar o lugar que occupava perto do teu coração, desviar os meus olhos dos teus, receiosa de cahir e de não tornar a ver-te; porque, máo grado os meus presentimentos, máo grado tudo, queria crer quando mesmo já não cria.

« Não, não resistirei a meu pai. Esta resistencia não me faria tua. Augusto, tem dó de mim; amanha assistirei a uma cerimonia; depois dar-me-hão um nome que não será o vosso; pertencerei a outro... mas... tranquillisa-te... não será por muito tempo.

« Um unico pensamento me dá animo. Conheces tão bem o meu coração. Tu me perdoaras, nao é assim? Guardaras a nossa manta, o doce laço de tantas e tao felizes recordações! Ah! da-te pressa em assegurar-me, meu Augusto, que ella estará sempre contigo; diz-me que, pouco a pouco, ella te será menos penosa; que cessará de enxugar lagrimas; derramei tantas sobre ella, que te occultei! Amanhã reunirei as minhas forças... ninguem saberá quanto soffro... minha mai somente la do Céu... talvez... me verá... obedeço; é tudo quanto posso fazer; mas o meu coração... o meu coração é teu, Augusto, teu para sempre. Adeus!

Comprehendeis vos a impressão, e depois a horriovel dor que esta carta me causou? Era-o dia de 10 de novembro: havião-se passado cinco mezes. Na noite desse mesmo dia, desse mesmo 10 de novembro, tinha ella recebido a manta em dous pedaços; a punhalada que dera a

minha mão havia penetrado no coração, e neí uma linha, nem uma palavra minha em resposta a essa carta de ternura, de pezar e de perdão.

Estava fóra de mim. Os cavallos que me havião conduzido ainda estavam no pateo. Parti incontinente. Tinha de passar pelo palacio de B... para saber onde se achava Maria. Um guarda do bosque me indicou a quinta do conde de G... na Provença... Alfim cheguei.

(Continúa.)

POESIA.

A' UMA ROLA.

Linda rôla gemedora,
Que suspiras noite e dia,
Troca as notas da tristeza
Pelos cantos da alegria.

Porque, ó terna innocente,
Andas sempre tão tristonha?
Porque não sahes apressada
Dessa habitação medonha?

Ah! deixa o bosque onde vives,
Deixa essa mata frondosa!
Vein morar entre as florinhas,
O' avesinha mimosa!

Não sabes que a solidão
A' tua dor é faral?
Vem lançar-te nos jardins,
Vem esquecer o teu mall

Vem, oh! vem, innocentinha!
Que has de aqui sempre encontrar
Quem adoce a tua vida,
Quem mitigue o teu pezar.

Mas... não, infeliz, não tomes
Os conselhos que te dei;
Porque eu 'stava delirando
Quando tão louca falei.

Eu te conjuro, não venhas
Neste mundo te *lançar*,
Onde só vileza, engano,
Poderás triste encontrar.

— 365 —

Vive, imagem de minha alma,
Vive em paz na solidão:
Aqui suspiros e queixas
Não inspirão compaixão.

Eu quizerá (mas não posso!)
Tambem o mundo deixar,
Para contigo ir viver,
Para contigo ir chorar;

Em teu retiro isolado
Meus tormentos esquecer;
Deixar do mundo as chimeras,
E socegada viver.

Quizera passar contigo,
O' rôla, meus dias tristes;
Viver a vida que vives,
Existir qual tu existes.

Quizera contigo nessa

Tão solitaria espessura
Ver ao dia succederem
As trevas da noite escura;

Ouvindo ao romper da aurora,
Sentindo ao findar do dia —
Tuas endeixas saudosas,
A tua melancolia.

E juntas vivendo assim,
Tu gemendo, eu suspirando;
Tu esquecida de tudo,
Eu de tudo me lembrando:

Carpira o destino meu,
Lamentara a minha sorte,
No desengano da vida,
E na lembrança da morte!...

Em vão!... Mas já que não posso
Em paz contigo habitar,
Estorvando teus gemidos
Não te quero importunar.

Avesinha, adeus! não cuides
Nos tristes lamentos meus:
O meu refugio é a morte...
Minha esperança, só DEUS !

Guilhermina Santos.

A' MINHA FILHA.

(Traducção:)

O lago de prata

Que cêrca a planície,

Em a superfície

Retrata

Se a luz reverbera,

As verdes ramiuhas

E a hera

Que nellas se attá

Por suas gavinhas;

Reflecte nitente

Ridente

Manhã...

E o Céu tão de anil,

E as nuvens de rosa

Mimosa

E gentil

— E em extasi, quando

Alguem admira

A onda espalhando,

Ond’o Céu se mira;

A brisa

Vem, mui docemente,

E breve

Se affasta;

Mas, basta,

Sómente,

A lisa

Planura

Do lago,

Em mimoso affago,

De leve

Roçar,

Para, de repente,

Turbar

A lymphá tão pura

Que espalha a Natura:
E o britho de tantos
Encantos
Um instante bastou
P'ra a brisa o offuscar.
— Assim, o filhinha,
Só basta um desejo,
Suspiro um sómente,
Que n'alma se aninha
Para em seu bafejo
Turbar

— 366 —

A candura
D'uma alminha pura,
D'um peito innocere.
— Do lago a tao lisa
Planura,
Que a brisa
Enrugou,
Hade repousars
Mas quem em seu peito
Amores guardou,
Socego perfeito
Já mais ha de achar!

Jaséfon.

Rio, Outubro 29 de 1854.

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM.

Não te esqueças de mim! Quando sósinha,
Pensativa, a scismar, muda e sem côres,
Passeares descuidosa em teu jardim,

Cuidando as plantas e sorrindo ás flores,
Não te esqueças de mim!

Quando voltares fatigada, arfante,
Beijando alegre as flores que apanhaste,
E escolheres o pallido jasmim,
D'entre todas a flor que mais beijaste,
Não te esqueças de mim!

Quando depois sentares-te risonha,
Revolvendo tua cesta de costura,
Molestando tuas saias de setim,
Tão bella e meiga, tão suave e pura,
Não te esqueças de mim!

E quando á tarde, ao expirar do dia,
A' beira-mar fores passear sentida,
E as conchinhas mais alvas que o marfim
Apanhares da praia adormecida,
Não te esqueças de mim!

Não te esqueças de mim! Contente ou triste,
Pensativa, a scismar, linda ou sem cores,
Passeando á beira-mar ou no jardim,
Na mesa da costura ou entre as flores,
Não te esqueças de mim!

Não te esqueças de mim! Olhando a tarde,
E o sol e o dia que se vão morrendo
No céu, na terra... mas de modo emfim,
Que distante daqui, que não me vendo,
Não te esqueças de mim!

Q. B.

CORREIO DOS SALÕES.

Quando Byron estava morrendo, chegando-se alguém junto a seu leito, disse-the elle estas palavras mysteriosas e grandes, que encerrão talvez todo o segredo da existencia: — *Agora vamos dormir!*

Com effeito o somno é o unico prazer da terra, como o sonho é a unica realidade da vida! O somno é uma dessas concessões que Deus fez ao homem, como se não quizesse que elle vivesse em uma morte eterna, porque o somno é o despertador dos sonhos, e sonhar é viver. Quem sabe que de pensamentos tristes não esvoaçavam pela cabeça do poeta naquella hora solemne em que elle sentia refluir-se todo o sangue do coração para ahi congelar-se, quando as sombras da morte já vagueavam pallidas e incertas juuto a seu funebre leito?

Agora vamos dormir! Eu não sei que impressão estranha causarão em mim essas palavras soltas. E ellas devem merecer muito peso, porque eu estou habilitado a dizer que nesse momento não erão as sombras do cognac queimado, nem a espuma da agua de Seltz, que sombreavam a imaginação do poeta e lhe acordavam no peito a hypocondria, não: nesse instante sublime, em que elle estava sentindo os vôos de sua alma para uma região que lhe era desconhecida, em que sentia o frio da sepultura vir-lhe coando o sangue pelas veias, não erão as lembranças da terra que o fazião entristecer, erão os archanjos do Céu que lhe allumiavam a alma!

Agora vamos dormir! Tenho ouvido tantas e em tão diversas occasiões estas palavras, que ellas para mim revelão-me tantos segredos, descortinão-me tantas scenas de encanto, desvendão-me tanto mysterio, explicão-me tanta cousa, fallao-me de um modo, que eu não pude deixar de commover-me quando as li, tão singelas e despidas, como folhas murchas de uma grinalda sem brilho e sem perfume, sómente a recordar encantos passados, venturas que não voltão mais!

Quando duas crianças, tão ternas uma para a outra, tão innocentes em seus brinquedos, tão

castas em seus pensamentos de archanjos, tão puras em seus semblantes divinos, tão celestes em sua candura, tao mimosas e meigas, tão contentes e felizes; quando um um irmao pequenino com sua irma creancinha, cançados de correrem pelo jardim, de apanharem o beijarem as flores, de terem-as regado, de terem-thes chegado a vida com a terra juntada a suas tenras raizes por

suas proprias mãosinhas, ao morrer do dia, depois de se haverem recolhido, de haverem resado defronte de sua imagem, depois de terem recebido a benção de seu pai e o beijo de sua mãe, deitão-se silenciosos e quietos em seus leitos tão alvos como a candidez de sua alma, voltão-se, sorrindo uma para a outra e dizem languidamente: — *agora vamos dormir!*

Quando duas mocinhas igualmente innocentes, ambas da mesma idade e da mesma beleza, depois de voltarem do baile, fatigadas e arfantes, respirando ainda os aromas das Dores e o perfume das essencias, deitão-se, tambem languidas e quebradas, em seus leitos encortinados, e conversão muito tempo uma com a outra, contando-se mutuamente seus sonhos, seus pensamentos, as palpitações que tiveram no baile, os sustos de sua alma, os sobresaltos de seu coração, sua vida emfim, com os olhos já meio-cerrados pelo quebranto do somno, envolvem-se poeticamente nas alvas de seus leitos, e dizem frouxamente; — *agora vamos dormir!*

E o noivo que se dirige pela primeira vez á sua noiva, nessa noite que não tem descripção, nesses momentos de suave magnetismo, em que só os olhos se fallão, os labios mal se agitam n'uma crisperação nervosa, as mãos se apertão e os seios palpitão açodadamente, tambem devem dizer-se mutuamente depois dessa conversação muda, silenciosa e eloquente até a sublimidade, frouxamente, timidamente, com medo, com recato, com poesia emfim, ao ouvido um do outro: — *agora vamos dormir!*

E o *Correio dos Salões* tambem esteve dormindo, sem se achar em caso nenhum em que tivesse occasião de convidar ou prevenir que ia dormir. O *Correio dos Salões* dormiu por largo tempo, e, acordando hoje, ainda vem esfregando os olhos e movendo-se preguiçosamente. Não sabe de cousa alguma; está achando tudo isto estranho; parece-lhe que vem de outro mundo; não conhece mais ninguem, não acertou com a entrada dos salões; ouve casos e historias, e não pôde comprehendel-os.

Oh! é bem verdade, o *Correio dos Salões* está bem mudado, bem modificado!

Se me fallão no *Cassino*, elle procura recordar o que isso é; sabe apenas que se vai construir um magnifico edificio para essa esplendida sociedade. Já lhe fallarão tambem na sociedade — *Arcadia* —, de um gigantesco projecto que ella pretende realisar, de grande utilidade e serviço; mas o pobre do *Correio* está estranho a tudo.

Se me fallão em casamentos, elle nem mais sabe o que isso quer dizer. Dizem-lhe que o paquete da Europa já chegou, que Sebastopol vai ser tomada, que Saint-Arnaud morreu, e o *Carreto* mostrou-se alheio e ignorante de tudo isso. Do fervoroso entusiasmo pelo beneficio da Charton, dos presentes que lhe fizerão, dos applausos que lhe prodigalisarão, do

acompanhamento triumphal que teve até sua casa, onde brindou os seus collegas artistas musicos com um *copo d'agua* e muitos de bom e custoso vinho — tudo isso ignora.

Emfim está verdadeiramente ignorante; de nada sabe, em nada pôde interessar desta vez. A culpa não é delle de certo; mas emfim as minhas leitoras podem atiral-o a um canto, e, se estiverem deitadas na occasião de o lerem, digao tambem como Byron: — *agora vamos dormir!*

Benjamim.

BOLETIM THEATRAL.

Ha bastante tempo que as nossas leitoras não recebem um boletim theatral, talvez porque a espiituosa *Alina* frequente pouco os theatros, ou porque não seja apaixonada por este genero de divertimento, e prefira antes os bailes, onde aprecia a musica, cujo gosto lhe percebemos já nos boletins com que tem mimoscado o *Jornal das Senhoras*. E' isto desculpavel porque somos a primeira a confessar que as senhoras poucas vezes pensão naquillo que lhes não é particularmente agradavel; e nós mesma chegamos até a esquecer tudo quanto nos é fastidioso.

Pôde ser que isto se possa considerar um vicio; porém asseguramos que por tal o não classificamos; e entendemos que a impressionabilidade que nos é natural nos induz a nos distrahirnos do que se nos torna indifferente, para attendermos ao que nos causa interesse; e nos aconselha mesmo a procurar esquecer o desagradavel para que a imaginação se não vista de luto, e o riso não se murche sobre o nacar dos labios ou sobre o carmim das faces. Esta mesma razão sirva para explicar como é que um cavalheiro impertinente é sempre esquecido, e sempre desconhecido para ter repetidas occasioes de se tornar fastidioso á mesma senhora. Em geral este facto é explicado de modo differente, dando-se a nossa bondade como a causa de soffrermos terriveis obsequiosidades.

Como quer que seja, o mundo, que se tem encarregado de explicar tudo, explique tambem isto como the aprouver, emquanto nós nos occupamos com o theatro.

Havia tempo que o mundo theatral não offerecia facto notavel depois que Mme. Stoltz se retirou da scena, onde tiveram logar phases bem

diversas para a vida artistica da eximia actriz, que foi desgostada da vassallagem que havia feito, e que contra ella se rebellou depois de a haver coroado: o que parece indicar que a maioria do nosso publico applaude sem consciencia, e hostilisa porque algum rabiscador de artigos

enuncia, por seu unico interesse, quanto sophisma ou calumnia lhe apraz, e que desgraçadamente faz proselytos, talvez tao ignorantes como os rabiscadores em materia de scena e de musica.

O mundo é um theatro grande; e, como nelle, n'um theatro lyrico ou dramatico succedem-se constantemente personagens que dão conta do papel que lhes competem e despedem-se para dentro dos bastidores ou de uma cova em algum dos cemiterios e neste constante apparecimento de personagens conbe a vez a Mme. Charton e Casaloni o desempenho de suas funcões no nosso theatro.

Seria uma censuravel redundancia querer agora descrever neste boletim as qualidades de Mme. Charton, e fazer-lhe a apologia do seu merecimento. Ninguem ha que a nao conheça para carecer ainda de uma noticia para poder apreciar-a. O seu beneficio foi o seu triumpho, e nós a felicitamos por haver recebido a sincera prova da opinião publica a seu respeito. Dizemos a — sincera — porque deve a digua artista lembrar-se das contrariedades porque passou Mme. Stoltz, e não podemos asseguar-a na persistencia do publico a seu respeito.

A Sra. Casaloni, artista de não menor merecimento tem servido de pretexto a algumas tentativas sinistras, ás quaes sem dúvida ella não presta assentimento, mas tambem reconhecemos que não póde cohibir.

Lamentamos que um publico illustrado, como o desta corte é, se deixe seduzir por algum mal intencionado para promover a alissidencia entre os artistas, e assim concorrendo (como já tem acontecido) para que apreciaveis talentos se não conservem entre nós.

Só percebemos um meio de neutralisar os planos da intriga que se tenta fazer valer; e vem a ser — o apreço reciproco das duas cantoras, e as manifestações publicas que uma e outra se prestarem de sincera estima; com o que tanto mais estimadas serão, quanto asseguramos que serão concordes com a opinião sensata a respeito de ambas; e assim terão neutralisado os partidos e intrigas que se tornarão aggressivos a ambas contra os desejos inconsiderados dos menos habeis apreciadores do verdadeiro merito.

Perdoem estas cantoras que lhes queiramos dar conselhos: mas aventuramo-nos a enuncial-os, porque são elles dignos dellas e da sua sincera apreciadora.

Annunciamos ás nossas leitoras a chegada de mais uma artista para o nosso theatro lyrico; é a Sra. Rachel Agostini, prima-dona soprano, que chegou de Lisboa e no sabbado fará a sua estréa na parte de Elvira do *Ernani de Verdi*.

Corina.

Como é longa a que se passa
Entre dores e amarguras! 1.^a e 2.^a
Sou de todos odiado
Pelas minhas travessuras! 2.^a e 3.^a

Quando nasço, salto montes;
Sempre correr é meu fado;
Até que por fim me traga
Um soberbo potentado. 4.^a e 5.^a

Tu encerras quem me anima
Nas minhas tribulações;
Ahi, de todo se acalmão
Minhas crueis aflições.

J. R. S.

Roma sem mim, meus senhores, ,
Perde o ser, nome e grandeza;
E, fallando com franqueza,
Só conver póde a pintores. 1

Patria de heroico
Povo guerreiro,
Que leis dictou
Ao mundo inteiro. 2

Quanto mais nobre é meu ser,
Mais se me aperta a prisao;
E não sei como não morro
Por falta de inanição.

Julieta.

Acompanha este n.º 46 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.